

# UM OLHAR PARA ESTUDANTES E DOCENTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO MUNICÍPIO DE TUBARÃO – SC<sup>1</sup>

Daiana Machado<sup>2</sup>

Mariléia Mendes Goulart<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo compreender as situações e realidades dos estudantes e professores do EJA de Tubarão – Santa Catarina. Para tanto, a metodologia da pesquisa se deu por meio de um estudo de caso com abordagem qualitativa e método dialético. Como instrumento de coleta de dados, utilizamos um questionário com questões abertas realizado pelo Google Forms. A amostra constituiu-se de nove estudantes e oito professores da mesma instituição. Como problema de pesquisa temos: Que histórias trazem os jovens adultos matriculados nas turmas de EJA e seus professores? Quais necessidades e realidades os afastaram da escola na idade regular e obrigatória? E qual o olhar dos professores na sala de aula com estes jovens adultos? Como resultados, percebemos as múltiplas histórias, contudo, apesar terem desistido de suas vidas escolares nos anos anteriores, buscam por qualidade de vida na EJA. E, em relação aos professores, procuram se manter atualizados para a construção de currículos pedagógicos, porém necessitam do apoio das políticas públicas para a sua formação continuada.

**Palavras-chave:** Jovens e adultos. Educação. Trabalho.

## 1 INTRODUÇÃO

Durante a minha infância, nas muitas madrugadas em que permanecia acordada, recordo-me de um programa que se chamava Telecurso 2000. Esse me marcou com os depoimentos de superação de estudantes que enfrentavam desafios para alcançar o objetivo de ler e escrever. Como aquilo me interessava!

E eu prestava atenção em cada detalhe, pois gostava de brincar de escolinha e, principalmente, por ter alguém na família que precisava aprender a ler e escrever, a ser alfabetizado. Com meu pouco conhecimento, entre 7 e 8 anos, minha brincadeira preferida era “ensinar” o meu querido tio a ler algumas palavras. Lembro-me de levar um antigo quadro negro até sua casa para ensinar a junção das sílabas. Vale lembrar que o meu tio era apenas

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. 2020.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: Daii.ana111@hotmail.com.

<sup>3</sup> Mestre em Educação pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Professora e coordenadora do Curso de Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. E-mail: marileia.goulart@unisul.br.

letrado e não alfabetizado. Desses momentos, jamais esqueci e minha vontade de ensinar aqueles que já possuem a noção de letramento, porém não são alfabetizados só aumentou.

A partir desse contexto advém minha inquietação em me aprofundar a modalidade de jovens e adultos, sobretudo as vivências dos sujeitos que vivenciam. A educação de jovens e adultos (EJA) possui muitas particularidades, uma de suas principais características é a heterogeneidade dos sujeitos e seu maior princípio o desenvolvimento do sujeito e seu preparo para a vida, principalmente, para a garantia dos seus direitos, dentro deles: qualificação para o mercado de trabalho.

Diante do exposto, as questões que nortearam a investigação foram: Que histórias trazem os jovens adultos matriculados nas turmas de EJA e seus professores? Quais necessidades e realidades os afastaram da escola na idade regular e obrigatória? E qual o olhar dos professores na sala de aula com esses jovens adultos?

Para nortear os estudos, traçamos como objetivo geral: compreender as situações e realidades dos estudantes e professores do EJA de Tubarão – Santa Catarina.

Tendo por base as discussões citadas acima, optamos por uma pesquisa de estudo de caso, de método dialético, com abordagem qualitativa. O estudo de caso, segundo Motta (2009), se propõe a estudar uma unidade-caso, que pode ser uma família, um indivíduo, um grupo, uma situação. Para o autor, o estudo de caso exige sempre uma abordagem qualitativa, porque acontece “por meio da observação direta das atividades grupo e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo” (GIL, 2002 apud MOTTA, 2009, p. 53).

A pesquisa nos impõe muitos desafios, sobretudo, quando nos dispusemos a ouvir os sujeitos e entender seus modos de viver determinadas situações e quando estamos a viver em tempos de pandemia do covid-19 e as escolas estarem fechadas. Assim, a coleta que seria realizada na escola, deu-se de forma remota.

Primeiramente, entramos em contato com a Coordenadoria Regional de Educação e, por meio desta, recebemos o contato com a Assistente Técnico Pedagógica da Escola de Jovens e Adultos de Tubarão para apresentarmos o projeto e obter o aval para a realização da pesquisa. Mencionamos a intenção do projeto e solicitamos autorização e contribuição para que os questionários chegassem aos professores e estudantes. Os questionários foram organizados com questões abertas e fechadas, no Google Forms.

Para a efetivação da pesquisa, tivemos a contribuição da Assistente Pedagógica da Instituição e dos professores. Os questionários foram enviados de forma aleatória para todos e tivemos a devolutiva de 09 estudantes e 08 professores.

Nossa intenção foi dar visibilidade aos modos como os estudantes da EJA atravessaram sua escolaridade e como a vivem atualmente, assim como entender como os professores vivenciam suas experiências ao lecionar nesse nível de ensino.

Com essa compreensão, focalizamos alguns aspectos, dentre os quais, os marcos legais e históricos da EJA, os sujeitos professores e estudantes e suas narrativas.

A EJA, historicamente, teve como marco o engajamento nos movimentos sociais, na educação popular, e almejava a alfabetização de adultos, a humanização e conscientização dos sujeitos. No entanto, esse espaço escolar tão significativo vem atendendo um número cada vez mais expressivo de pessoas que já passaram pelos bancos escolares e, por motivos pessoais, abandonam a escola regular fazendo com que, futuramente, procurem terminar seus estudos devido às exigências do seu trabalho ou uma profissionalização adequada.

Os estudantes da EJA enfrentam diferentes dificuldades. A necessidade e vontade que possuem, mesmo com a idade avançada, em ter domínio da escrita e da leitura, quebram o paradigma de que alfabetizá-los é simplesmente assinar e ler o próprio nome. São jovens e adultos trabalhadores que buscam os significados formadores dessas passagens, de diferentes itinerários (Arroyo, 2017).

Quanto aos professores dessa modalidade, possuem um papel importante de possibilitar o processo ensino-aprendizagem visando não apenas como uma forma de habilitação para o mercado de trabalho, mas como a formação de cidadãos críticos, reflexivos e autônomos. As práticas pedagógicas, metodologias de ensino devem propiciar um olhar atento para esses estudantes que a EJA acolhe. É preciso possibilitar a permanência desses educandos nesse espaço escolar, proporcionando-lhes um ensino significativo, que os levem à análise crítica dos fatos abordados em sala de aula e do seu meio social.

Neste artigo, buscamos as reflexões teóricas sob a visão de alguns autores, tais como Arroyo (2017), Freire (2003) e legislações que respaldam a educação brasileira e o perfil sociocultural e econômico dos sujeitos. Posteriormente, apresentamos o campo e a análise da pesquisa realizada, a qual possibilitou, através da aplicação de questionários que compartilharam seus anseios, expectativas em relação à escolarização e o futuro.

## **2 MODALIDADE DA EJA NO BRASIL: MARCOS HISTÓRICOS E LEGAIS**

Desde a aprovação da LDB, Lei 9394/96, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é caracterizada como modalidade da educação básica e possui diretrizes próprias, as Diretrizes

Curriculares Nacionais da Educação de Jovens e Adultos, promulgadas pelo Parecer nº 11/200, tendo como resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000.

Atende um público de jovens e adultos que não frequentaram ou não concluíram os níveis de ensino da educação básica obrigatória na idade certa.

No Brasil, a trajetória dessa modalidade, foi marcada por ações e programas destinados à Educação Básica e, principalmente, aos programas de alfabetização e combate do analfabetismo. O público da EJA foi olhado de forma diversificada pelas políticas brasileiras, por vezes se incentivou a profissionalização e, esse fato, configurou uma política educacional dualista, que reduziu o limite para as primeiras letras a trajetória escolar dos trabalhadores e de seus filhos na década de 40. Atendendo precariamente demandas que cresciam para inclusão no sistema educacional, era complementada por um ensino profissionalizante (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC), comandada até então pela classe burguesa, que atribuiu a si uma função de formação técnico-política da classe operária engajada no mercado de trabalho. Em 1947, foi lançada a Primeira Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos do (CEAA), alguns declínios na época fizeram que os resultados tivessem um número insatisfatório na educação de jovens e adultos no Brasil.

Nos anos 60, Paulo Freire e sua equipe, no Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, ganhavam espaço com suas experiências de alfabetização de adultos que se destacavam das demais, em especial, pela busca de conteúdos da educação do povo nas condições reais do homem. Paulo Freire produziu uma nova estrutura conceitual e uma nova postura epistemológica para os processos de alfabetização e educação popular.

Com a chegada do Regime Militar, obtiveram ações como foi no ensino supletivo, regulamentado pela Lei nº 5.692/71. Somente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 5.692/1971 se estabeleceu, pela primeira vez na história, um capítulo específico para educação de jovens e adultos: o capítulo IV que versava sobre ensino supletivo. Essa lei, apesar de reconhecer a educação de jovens e adultos como um direito à cidadania, limitou o dever do Estado à faixa etária de 7 a 14 anos. Assim, teve início o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), criado dentro do Regime militar, instituído pelo decreto nº 62.455, de 22 de março de 1968 tendo o seu fim em 1985. Nos anos 90, Fernando Henrique Cardoso, até então Presidente, dá início a sucessivas ações no campo educacional que reforçam a irresponsabilidade do Estado com a Educação de Jovens e Adultos e remete para a iniciativa privada e para a filantropia a responsabilidade por seu atendimento. Ao criar o FUNDEF (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério)

excluiu os jovens e adultos pela via econômica e uma série de acontecimentos contribuíram para o declínio da EJA no Brasil, neste período, como o rebaixamento da idade para prestar exames para o supletivo, assegurado por lei. A idade mínima para acesso ao ensino fundamental ficou estabelecido em 15 anos e para o ensino médio em 18 anos. A EJA passou a ter caráter supletivo e de aceleração do ensino regular.

Nos anos 2000, mais precisamente no governo de Luís Inácio Lula da Silva, a EJA passou a ser vista como educação profissional. Passou a destacar a alfabetização de jovens e adultos como área de interesse prioritário, incorporando matrículas ao financiamento do FUNDEB e desenvolvendo várias iniciativas distribuídas em diferentes Ministérios, voltadas aos jovens e adultos trabalhadores. Entre estas destacam-se: Brasil Alfabetizado, Saberes da Terra, Proeja, Escola de Fábrica, Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos, ENEJA etc. O que se via era um investimento mais intensificado na Educação Profissional e as iniciativas privadas continuavam a beneficiar recursos públicos com os seus investimentos. A inclusão da EJA na legislação é uma opção política que precisa ser sancionada pela prática pedagógica.

De acordo com a Lei nº 13.632, de 06 de março de 2018, foram feitas modificações na LDB colocando a educação como um direito ao longo da vida e assegurada a todos. Foram alterados o inciso XIII do Art. 3º, o Art. 37 e parágrafo 3º do Art. 58, ficam assim os respectivos textos da LDB:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) passa a vigorar com a seguinte redação:  
 “Art. 3º [...] XIII - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida.  
 [...]”  
 Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida.  
 Art. 58 [...] § 3º A oferta de educação especial, nos termos do caput deste artigo, tem início na educação infantil e estende-se ao longo da vida, observados o inciso III do art. 4º e o parágrafo único do art. 60 desta Lei. (NR).  
 Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.  
 Brasília, 6 de março de 2018; 197º da Independência e 130º da República. (BRASIL, 2018).

A EJA possui o desafio de desenvolver processos de formação humana, articulados a contextos sócio históricos, a fim de que se reverta a exclusão e se garanta aos jovens e adultos o acesso, a permanência e o sucesso no início ou no retorno desses sujeitos à escolarização básica como direito fundamental.

O Estado incorpora a EJA com reconhecimento, sobre suas diferenças e as formas como o preconceito e a discriminação são expostas, assim, deve assegurar uma adequação na trajetória escolar e na universalização nos sistemas de ensino e na redução da evasão e do abandono.

É de suma importância que as políticas públicas se mantenham articuladas e presentes para garantir a educação com qualidade e equidade. E, para garantir tais feitos, o MEC (Ministério da Educação) deve orientar sobre a diversidade humana e social, q tema imprescindível a ser discutido, pois é nestes espaços que encontramos públicos com inúmeras situações, vivenciadas por questões de etnia, raça, cor, origem, posição econômica e social, gênero, orientação sexual, deficiências e etc., condições essas que existem e favorecem a exclusão social.

### **3 OS SUJEITOS DA EJA: BUSCA POR MAIS IGUALDADE**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) possui as suas particularidades culturais, sociais, já que seu público advém de diversos lugares, bairros, comunidades e até mesmo cidades, e etárias. São sujeitos que, por motivos pessoais ou específicos, distanciaram-se da educação letrada, fazendo com que criassem um “bloqueio” para a participação ativa na sociedade em questões de manifestações críticas, sociais, culturais. Indivíduos, em sua maioria, humildes, que se deslocam do interior para as grandes metrópoles, na expectativa de realização de sonhos e mudanças de vidas e realidades. Esses sujeitos revelam detalhes de si e de sua rotina, como nos apresenta Arroyo (2017, p. 23):

Um olhar riquíssimo para conhecer esses adolescentes, jovens, adultos e seus tenos percursos de humanização. Suas histórias como trabalhadores e como estudantes/as entrelaçam-se com seus deslocamentos. Matéria-prima carregada de significados, de olhares e interpretações.

E, ao chegarem nas grandes capitais, olham a sua volta realidades bem diferentes das que vivem no interior, um mundo corrido, pessoas contando os minutos dos ponteiros do relógio, correndo atrás de prejuízos, dinheiro e, principalmente, correndo atrás do mercado de trabalho, este que, para desempenharem certas funções, exige o ensino básico completo e determinadas qualificações profissionais. Diante dessa passagem, obrigam-se a permitir e a aceitar qualquer proposta, seja ela terceirizada, sem direito a carteira de trabalho assinada.

### 3.1 OS ESTUDANTES DA EJA

Os estudantes do EJA são aquelas pessoas que, em sua grande maioria, moram em comunidades humildes, longe das capitais do Brasil, e até mesmo dentro das capitais, nas grandes e menores periferias. São “analfabetos” funcionais, que possuem poucos conhecimentos e estudaram até a quarta série do antigo primário. Sabem “se virar”, juntam algumas letras, formam algumas palavras, escrevem pouco, contam nos dedos, um modelo no qual já estamos acostumados a ver desde o século XX. Dentre estes analfabetos funcionais, existem os analfabetos, aqueles que realmente não sabem escrever, não sabem juntar algumas letras para formar algumas sílabas, o mínimo que conhecem, por se sentirem na obrigação de aprenderem, é a sua assinatura. Estes estudantes se privam ao acesso à educação e se negam o direito de cidadão, de alcançar em suas trajetórias a busca por mudanças significativas em suas realidades. Paulo Freire, o professor que construiu a história da educação no Brasil, pensou na mudança de vida dessas pessoas que se sentiam rejeitadas até então. Pensava em uma educação diferente, daquela que é destinada para crianças em escolas regulares. Assim, como fazer para trazer a realidade desses jovens adultos para o espaço escolar? Desse modo, as modificações para as propostas curriculares ficaram pertinentes nas metodologias apresentadas. Os estudantes da Educação de Jovens e Adultos apresentam um perfil socioeconômico-cultural muito diferente do que os professores costumam enfrentar no dia a dia em outros espaços escolares. Compreender as especificidades da educação de jovens e adultos significa perceber a sua condição de pessoas humanas e sua condição social de classes populares.

No século XXI, mesmo com a sociedade moderna crescendo, as tecnologias e novas tecnologias sendo descobertas e redescobertas a cada dia, o analfabetismo vêm ganhando força, pois o público que procura os centros de EJA são públicos carentes. Eles buscam a necessidade de trabalhar para contribuir com a renda familiar e encontram dificuldades para tirarem algumas poucas horas do seu dia para se dedicarem aos estudos. Enfrentam familiares que os impedem de estudar, por almejarem uma vida melhor, ou seja, querem “vencer” na vida. Assim, enfrentam inúmeras vulnerabilidades sociais, entre elas, problemas com domicílio, violência doméstica, familiares com vícios em dependência química entre outros. Além disso, muitos estudantes se envolvem cedo na marginalidade em busca de condições financeiras rápidas, outros perdem o interesse em estudar, pois não possuem um meio de locomoção adequado, falta de incentivos sejam eles nos próprios familiares ou dos órgãos públicos e etc. São inúmeros os fatores que contribuem para o número do analfabetismo crescer.

Portanto, é importante perceber, investigar, pesquisar, obter um olhar mais aguçado para aqueles estudantes da EJA, que carregam com si uma bagagem de experiências vividas, antes de se deslocarem até o espaço de educação. Conhecer e considerar esses sujeitos, significa refletir suas vulnerabilidades sociais e suas diferenças. Os professores que acolhem esses sujeitos devem conhecer seus valores, dar ênfase a eles, suas origens, culturas, vidas, atitudes e características, fazendo-os se sentirem cidadãos e pensadores críticos. Além disso, o jovem adulto que escolhe seu itinerário para se deslocar até o centro do EJA em busca da realização dos seus sonhos de vida, apresenta em seu comportamento sentimento de medo, de parecer ridículo ou de se expor ao fracasso, ignorância, angústia e inferioridade, as quais geram situações que dificultam as relações e convívio no grupo, trazendo consigo o próprio preconceito da volta ao estudo. Essas dificuldades podem interferir na aprendizagem e nas relações com o grupo do espaço do EJA, assim como problemas com cansaço, falta de tempo, também, interferem no processo de aprendizagem.

É fundamental que o professor não coloque esses sujeitos como estudantes-crianças em suas propostas curriculares. Temos que entender que são estudantes com especificidades diferentes e, assim, podemos usar como ferramenta o dia a dia deles, os seus trabalhos, itinerários, vivências advindas de dentro da sua comunidade, fazendo com que despertem interesse em continuar estudando, vendo a importância da educação ao longo da vida.

Estes estudantes, que partem para iniciar sua trajetória no mundo letrado, embarcam em seus sonhos, com passagens vistas como num filme, de toda sua vida até o momento que eles finalmente podem “olhar” e ver o mundo por outros ângulos. Dessa forma, os educadores se aproximam para buscar significados de vida, palavras que contribuem para a formação do indivíduo como tal.

Os estudantes da EJA fazem parte de grupos sociais distintos e que não tiveram acesso à escolarização na idade regular. É imprescindível que o educador perceba essas diferenças, reconheça-as e integre-as em suas práticas, valorizando a heterogeneidade e fazendo com que observem o mundo sob o prisma da diversidade.

As características que trazem, é muito pertinente nos centros da EJA, pois são jovens, adultos, trabalhadores itinerantes, portadores de necessidades especiais, com diversas culturas, faixas etárias, expectativas para o futuro, sonhos, cada um com as suas particularidades e histórias de vida, frequentando comunidades e grupos sociais distintos.

O conhecimento e aceitação de que possuem suas ideias próprias, com suas identidades construídas antes da EJA, as expectativas e necessidades diferenciadas, é fundamental para

ingressarem e alcançarem seus objetivos. Para Arroyo (2017), a construção dessas identidades dentro dos espaços educativos deve ser valorizada.

Na educação, desses adolescentes e jovens adultos, avança-se para entender que saberes, valores, identidades, constroem vivendo e sabendo-se periféricos, na sociedade, na cidade, nos campos, nos espaços de moradia, de trabalho, e até educação. (ARROYO, 2017, p. 34).

Sobre as vivências na EJA, Arroyo (2017) menciona que as atividades realizadas diariamente são permeadas por dificuldades que os estudantes têm para se relacionarem com respeito e consideração, e se auto respeitarem e se descobrirem sujeitos de si, sujeitos políticos, redescobrimo jovens e adultos como trabalhadores, durante o percurso de seus itinerários até a EJA. Nesse sentido, trazem em seus cadernos e livros lutas por um alcance de vida melhor, com histórias pessoais e coletivas. Obrigam-se a compreender o lugar de fala do outro, compartilhando seus ideais e seus grupos de movimentos de mulheres, negros, trabalhadores sem-terra e jovens, no qual existe uma articulação de ideias e lutas pelo direito ao trabalho e à educação. Assim, a fala e a escuta do outro acontecem no espaço educativo.

Deste modo, é papel do professor, mediar esses estudantes da EJA na busca do reconhecimento dos seus direitos, sejam eles de que tipo forem. .

O mesmo trajeto que estes estudantes fazem até chegar ao EJA, encontramos na diversidade dos grupos sociais em grandes metrópoles, sejam eles do campo, os sem-terra, sem teto, sem graduação ou certificação, sem trabalho, movimento negro, indígena, feminista, juvenil e etc. A consciência de descobrir a sua identidade acompanham medidas que ampliam suas lutas e a construção de conhecimentos sobre o Estado e suas leis. Essa é uma expressão de sua consciência cidadã atrelada a sua consciência de trabalhadores sujeitos de direitos.

### 3.2. OS PROFESSORES

Para trabalhar no EJA, é necessário saber o que ensinar e o porquê, além de considerar, primeiramente, os saberes que estes estudantes já possuem, fazendo-os perceber que como sujeitos históricos são constituídas por suas lutas e têm direitos e, também, deveres. Eles são produtores de conhecimento, de cultura, de saberes, por isso, devem se reconhecer e se valorizar enquanto cidadãos.

O professor da EJA deve ser comprometido com o trabalho que realiza, organizando suas propostas curriculares para o perfil da turma em que atua. Desta forma, é possível que uma história de vida se articule com os conteúdos, faça sentido e ajude na resolução de problemas.

As culturas com as famílias destes trabalhadores, desde infância-adolescência, compunham uma bagagem com vivências e superações, e, diante disso, e da nossa trajetória acadêmica, e de disciplinas que me apropriei, o professor deve se inteirar em conhecer o aluno, conhecer o delicado processo que está em formação. Então, este percurso exige do docente um currículo flexionado, que seja moldado para o estudante-trabalhador, abrindo caminhos e oportunizando as suas histórias como ponto de partida, sendo a característica central para a modificação de um currículo.

A proximidade com os trabalhos e o contato com outros estudantes no ambiente de educação da EJA permitem que as experiências vividas sejam estruturantes das indagações, saberes, valores, identidades e leituras de si e do mundo, as quais compartilham uns com os outros e com os professores, que devem mediar todas essas informações. Segundo Freire (2003, p. 56), “investigar é o tema gerador, é o pensar dos sujeitos sobre suas realidades, é o docente investigar como o sujeito atua na práxis da sua existência na sociedade.”

Assim, o docente deverá pôr em pauta a sua compreensão e empatia ao formar currículos que engajam e encorajam, partindo para o processo de construção destas identidades avulsas que chegam nos centros, perpetuando novos trilhos por meio da ferramenta principal e muito utilizada: o trabalho.

O trabalho tem sido o princípio formador de suas identidades, valores profissionais. Outro caminho fecundo para entender a centralidade do trabalho na construção das identidades de trabalhadores, dos mestres e dos educandos será trazer com destaque para os currículos de formação e da educação dos jovens-adultos e diversidade de estudos existentes sobre o trabalho como princípio formador. (ARROYO, 2017, p. 47).

Contudo, na maioria das vezes, o que se vê é uma falta de vinculação com a vida, ou seja, uma escola tradicional, onde o professor é o único que detém o conhecimento, e sua função é transmitir conteúdos e informações. Freire (2003, p. 78) traduz essa educação como bancária onde os estudantes se tornam passivos, apenas recebem mensagens que é oferecida pela pessoa central da sala, não havendo espaço para a reflexão e compartilhamento de experiências uns com os outros. As aulas são baseadas em cópias e atividades que deveriam ser para crianças, porém o método tradicional não traz o mais importante para a construção dos currículos: a escuta dos estudantes.

Para que haja sentido é preciso trazer para as escolas, como já apontado, e conforme Arroyo (2017), assuntos relacionados a suas vidas, trabalhos por meio de roda de conversa, escuta atenta, oportunizando a partilha daquilo que trouxeram até o momento para a sala de aula.

O professor deverá avaliar gradativamente a aprendizagem que ocorre de forma natural, não forçada, espontaneamente, à medida que o aluno irá expondo suas ideias e visão de mundo. Os objetivos são implícitos, não são meramente uma obrigatoriedade e há uma mediação no trabalho docente, sendo que, durante as aulas, quando necessário, deve ser empenhada. Nessa concepção, o aluno possui um caráter principal e ele conduz a aula da forma mais significativa possível. Essa prática possibilita construção de conhecimento e desenvolvimento de suas aprendizagens.

Outro ponto aspecto que precisa ser constantemente pensado é a formação dos professores da EJA. A formação continuada é essencial para os professores, pois, por meio dela, têm a oportunidade de melhorarem suas práticas e, conseqüentemente, repercutirá nas aprendizagens dos estudantes.

O professor é formador de identidades e um agente de transformação, portanto, é aquele que se responsabiliza por mobilizar os estudantes para o alcance das aprendizagens, de modo que o conhecimento científico transforme suas realidades e, sobretudo, crie melhores oportunidades na vida e no mercado de trabalho.

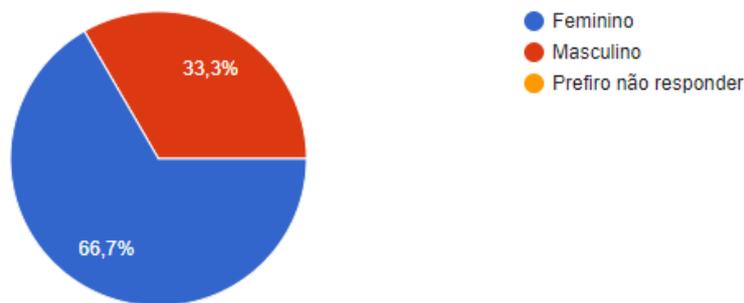
#### **4 PERCURSO DA PESQUISA E ANÁLISES**

Conforme mencionamos no texto introdutório, devido as orientações governamentais diante da pandemia do COVID-19, todas as escolas tiveram suas atividades presenciais suspensas. Com o afastamento social, nossa rota foi diferente daquela que havíamos previsto, a coleta de dados não ocorreu presencialmente com entrevistas, mas por meio de um questionário pelo Google Forms para os estudantes e os professores. Entendemos a importância de escutar tanto professores quanto estudantes. Afinal são dois olhares diferentes a partir de uma mesma busca, conhecimento. Para que o questionário chegasse aos sujeitos da pesquisa, inicialmente, conversamos com a Coordenadoria Regional de Ensino, por meio de uma profissional que compõe o setor de ensino e esta nos encaminhou para a escola. Na escola, nossa referência foi uma Assistente Técnico Pedagógica e um professor. Eles enviaram para professores e estudantes os links com os questionários. Tivemos o retorno de 09 questionários de estudantes e 08 de docentes.

#### 4.1 AS NARRATIVAS DOS ESTUDANTES DA EJA DE TUBARÃO – SANTA CATARINA

De acordo com o questionário proposto para a coleta de dados, no primeiro momento, buscamos as informações sobre quem são estes sujeitos, sua identificação, como mostra a figura abaixo:

Figura 1 – Identificação dos sujeitos



Fonte: Dados coletados pela autora, 2020.

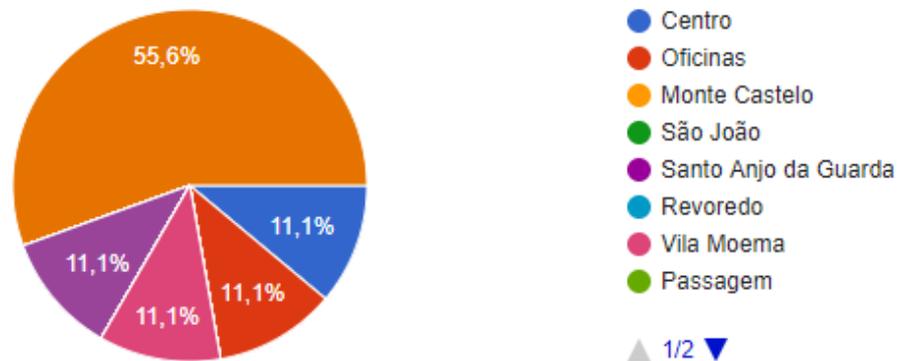
Dos nove respondentes, a maioria é do sexo feminino. Talvez esse fato represente o que temos visto hoje, o poder feminino e o domínio das mulheres no mercado de trabalho, como grande empresárias, médicas, enfermeiras e com profissões propriamente consideradas para homens.

Ao longo do tempo, as mulheres eram restritas aos serviços domésticos e sua presença em espaços públicos era excluída, principalmente no mercado de trabalho, onde a desigualdade de gênero é evidente com profissões “masculinas” e “femininas”. Como ressalta Cruz (2009, p. 92), “persiste a distância entre mulheres na divisão sexual do trabalho [...]”.

Estas mulheres que buscam esse libertamento, deslocam-se até a EJA para se permitirem obter esse direito de lugar e voz, por meio da educação.

Questionamos, também, a procedência dos bairros que estes vem. O Centro de Jovens e Adultos de Tubarão (EJA) acolhe inúmeros estudantes, de diferentes bairros, como mostra a figura abaixo:

Figura 2 – Localização das residências



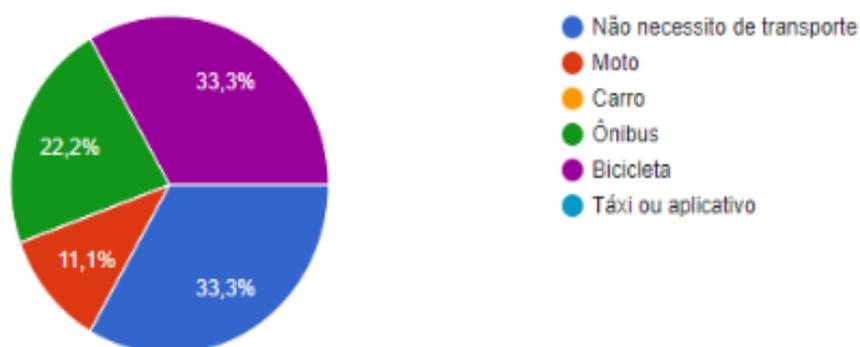
Fonte: Dados coletados pela autora, 2020.

O gráfico nos aponta que 55,6% dos estudantes residem no bairro Monte Castelo, que fica próximo ao centro de Tubarão, onde está situado a EJA. Os outros 33,3% se distribuem nos bairros de Oficinas, São João, Revoredo e Vila Moema, também próximo da escola. Outros 11,1% destes são do bairro Bom Pastor, aqui apresentado pela EEB Santo Anjo da Guarda. Esse bairro fica bem distante do centro da cidade, contudo, há um pólo da EJA lá.

Aqui nos cabe alguns questionamentos. Quais são as oportunidades que damos aos estudantes de outros bairros mais distantes do centro da cidade? Conforme, informações de técnicos da Coordenadoria Regional de Educação, os estudantes da EJA não tem o custeio do transporte escolar, por isso nossa indagação.

Com o intuito de compreender um pouco mais, perguntamos ainda como eles chegam até a instituição, como é o deslocamento, que meios utilizam para chegar ao seu destino. As respostas estão na figura 3, apresentada na sequência.

Figura 3 - Meio de transporte para chegar à instituição



Fonte: Dados coletados pela autora, 2020.

O principal meio de locomoção é a bicicleta, seguido de ônibus. Conforme Arroyo (2017, p. 21), “existe uma imagem chocante em grandes metrópoles: filas de adolescentes, jovens e adultos a espera do ônibus circular que os levam a kilométricos trajetos em busca de sentidos humanos.”

Em continuidade aos questionamentos, perguntamos se trabalhavam e em que trabalhavam. Das nove respostas, três afirmaram que trabalhavam como domésticas, uma numa mecânica e os demais em supermercado, loja de confecção e como balconistas.

Para Arroyo (2017), a escola de jovens e adultos, abriga e trabalha com sujeitos desafiadores que buscam significados formadores, alguns com projeções de futuro, planejamentos de vida, e outros, nem tanto. São estes significados que trazem sentido para suas vidas e leituras de mundo. Dentre esse público de jovens-adultos, alguns nem iniciaram sua vida profissional, outros aquém de ter esperança no dia seguinte, encontram-se emaranhados de sair do lugar que estão, sair da sua rotina. Estes sujeitos que aderem à EJA possuem sua singularidade, heterogeneidade e o entendimento do que é o conhecimento, pois acreditam que a educação é a base de tudo.

A busca pela terminalidade no ensino fundamental e médio, não sabemos se ocorreu por obrigatoriedade ou não, de toda forma, ao adentrar o espaço escolar, cria-se uma relação entre o sujeito e a escola. Além da busca pelo conhecimento, algo que todos têm em comum, quer os sujeitos que vão em cima de uma bicicleta ou num banco de ônibus, todos carregam sonhos, sejam eles de pretensões profissionais ou não, durante suas idas ao EJA. Nas perguntas que fizemos e nas devolutivas recebidas, pudemos enxergar histórias que denotam um sonho, um desejo, como é o caso da narrativa que segue:

Eu me formei na oitava série em 2007. Parei de estudar, pois ganhei minha filha. Depois de alguns anos decidi estudar, e me inscrevi no Sangão onde tinha Sesi lá na cerâmica da Ictec. Ia de moto [...] se chovia dependia de carona. Um dia eu cansei e parei. Não terminei a matéria de português [...]. Então passou uns tempos e eu quis estudar, pois eu quero muito fazer faculdade. No Sesi de Tubarão, eu fiz sociologia [...], até que eu consegui terminar. Infelizmente não tive mais condições de pagar e parei. Até que “teve” a vaga no Dalcy da EJA e decidi me matricular. E estou aqui, firme e forte, e desistir nunca. Quero muito terminar meus estudos, esse é o meu primeiro sonho, o segundo é fazer uma faculdade ou curso, eu não vou desistir não. (ESTUDANTE A).

Estes sujeitos vivem no mundo do trabalho, capitalismo, com responsabilidades sociais e familiares, com valores éticos e morais formados a partir da experiência do seu mundo letrado e aprendido por si, do ambiente e da realidade cultural em que estão inseridos e tudo isso deve ser relevado no processo educacional. Arroyo (2017), nos afirma que essas riquezas devem ser levadas até as práticas pedagógicas.

Ainda no intuito de conhecer um pouco mais suas percepções e porque voltaram à escola, perguntamos o que significava para eles estudar. Suas respostas foram de diversos modos, mas a palavra *conhecimento* apareceu seis vezes. Citamos algumas das suas frases para melhor compreensão dos significados: “Tudo! Pois só através do estudo temos conhecimento”; “futuro melhor”; “Descobri que, quanto mais eu estudo mais sorte aparece”; “Para mim o estudar é aprender cada vez mais, para poder ter um serviço bom, com mais entendimento.”

Os estudantes trazem em cada texto uma história e seus significados. Nesse caso, o quanto para eles conhecimento é fundamental para uma melhor condição de vida. Para Arroyo (2017), a diversidade de trajetórias interrompidas e de conhecimentos trazidos de outros espaços de aprendizagem e de vida, conduz a vários atravessamentos e interferem nas significações atribuídas à escola.

Perguntamos o porquê não estudaram na rede regular de ensino em tempos normais e as respostas nos levaram a diferentes histórias, mas com muitos aspectos em comum, tais como a falta de incentivo e vontade de estudar. Dessa forma, evidenciamos o que a experiência escolar significou para eles:

Pois eu era piá, e só queria saber de folia na escola com “os amigos”, e o tempo passou e eu vi que estava ficando para trás, e foi aí que eu resolvi fazer a EJA, para terminar o Ensino médio rápido. (ESTUDANTE B).

A partir da fala acima, o sentido que eles atribuíram à experiência escolar foi substituído, nos dias de hoje, pela mudança, de acordo com as suas necessidades de adequação às exigências da sociedade atual e do mercado de trabalho.

O mundo está em constante mudanças e o mercado de trabalho está cada vez mais exigente com esses jovens/adultos que buscam um salário digno e o alimento de cada dia. Sem deixar suas diversidades e cultura, buscam um preparo e um autoconhecimento para se inserirem nesse contexto. Para Arroyo (2017, p. 149):

Para onde vão avançando coletivos de educandos? Para reconhecer essa primazia, para superar polarizações de saberes e linguagens. Para não pretender substituir o conhecimento científico e sua racionalidade pelo saber do senso comum, para não renunciar nem a um saber nem a outro.

Muitos outros fatos apareceram para justificar o abandono, estes englobaram incompatibilidade de horários, local de moradia, condições financeiras. Outro fator foi a falta de vontade e/ou fracasso escolar, quer seja pela dificuldade de aprender ou reprovação.

Ser sujeito é ter direito e fazer escolhas. É colocar-se frente ao mundo, assumindo compromissos com a vida e inserindo os que estão de fora da sociedade e do mundo nunca visto.

Em continuidade as questões, perguntamos por que retornaram aos estudos. A totalidade dos estudantes atribuiu um significado positivo para sua volta aos estudos, em grande parte sempre mencionando a palavra futuro melhor, não deixando de revelar o que no presente já mudou em suas vidas a partir dessa volta para os estudos, como se percebe no seguinte excerto:

Já tinha começado a estudar novamente a uns 8 anos atrás, mas parei pois não conseguia conciliar os horários das aulas com o meu trabalho, comecei novamente pois senti que precisava sair da minha rotina e voltei a estudar. Foi a melhor coisa que eu fiz, pois na escola conheci várias pessoas, fiz amizades e o melhor é que estou “tendo” mais conhecimento, aprendendo sobre várias coisas. (ESTUDANTE C).

Constatamos que as visões de jovens sobre a EJA, construídas no seio das relações sociais, são fatores determinantes para o desenvolvimento dos sentidos e significados no novo mundo que estão inseridos a respeito da área de profissionalização que escolheram e irão escolher.

Os consensos em relação ao escasso número de vagas no mercado de trabalho que buscam por perfis qualificados e a suposição de que com o ensino completo garantiriam um salário que possibilitaria uma vida sem dificuldades financeiras, levaram-nos à conclusão de que os elementos que explicam a alta procura no EJA são exatamente as visões futuristas a respeito da área que atuam ou experiências de vidas que possam compartilhar com seus filhos e familiares.

Assim, na pergunta final, quando questionados sobre qual seu maior sonho em relação à escola, unanimemente responderam que é finalizar essa etapa e conseguir emprego melhor.

Ao se depararem com outra realidade e ao amadurecerem seus desejos e anseios sobre o futuro profissional, os jovens acabam por se questionarem a respeito do gosto por voltar a estudar e abandonam a ideia rotineira. Ou seja, é a própria falta de clareza sobre a aprendizagem, a emenda do currículo com suas vidas que faça sentido para o momento das suas escolhas, construída durante o percurso de suas vidas, que se coloca como fator determinante para o abandono do ensino regular.

#### 4.2 NARRATIVAS DOS PROFESSORES: SUAS EXPERIÊNCIAS E SEUS SIGNIFICADOS

As análises sobre as falas dos professores são sustentadas, principalmente, nos estudos do pioneiro da educação de jovens e adultos no Brasil, Paulo Freire. Ele apresenta para essa modalidade de educação as singularidades e dimensões nas relações essencialmente de caráter humano, tão implícitas nos processos educacionais, ao afirmar que “não há docência sem discência” (FREIRE, 2003, p. 13). Nesse aspecto, não há a existência de um sem a existência do outro.

A partir desse entendimento, ao nos organizarmos para a escuta dos sujeitos-estudantes do EJA de Tubarão, indagamo-nos: por que não escutar também os docentes e suas histórias. Eles, que permanecem durante anos, ou não, em suas jornadas dentro da instituição, devem guardar consigo histórias que enriquecem nossa pesquisa e nos faz entender a chegada desses jovens adultos no espaço escolar. Procuramos identificar quem são estes indivíduos cercado de saberes que transitam nos espaços escolares. Dentre os oito professores, cinco são mulheres.

De acordo com Marques (2012), a profissão docente iniciou com sexo masculino, na Grécia Antiga, quando os Spartanos eram preocupados com aprimoramentos das habilidades físicas do indivíduo, enquanto às mulheres cabia os trabalhos caseiros e manuais.

Esses e outros fatos históricos geraram uma animosidade entre homens e mulheres e, talvez, em contrapartida, houve impedimentos para um trabalho educativo mais igualitário em que sujeitos professores e professoras tivessem como marca identitária, a partir do seu exercício cotidiano, ser, pensar, expressar, tomar iniciativas, crescer e se reconhecer como agente responsável, com direito à palavra e a transformação mais efetiva a partir de si mesmo e de seu coletivo. Trata-se da ênfase nos sujeitos de transformações históricas. Segundo Freire:

[...] tenho o direito de ter raiva, de manifestá-la, de tê-la como motivação para minha briga tal qual tenho o direito de amar, de expressar meu amor ao mundo, de tê-lo como motivação para minha briga porque, histórico, vivo a história como tempo de possibilidade e não de determinação. Se a realidade fosse assim porque estivesse dito que assim teria de ser, não haveria sequer porque ter raiva. Meu direito a raiva pressupõe que, na experiência histórica da qual participo, o amanhã não é algo pré dado, mas um desafio, um problema [...] adaptação a situações negadoras da humanização só pode ser aceita como consequência da experiência dominadora, ou como exercício de resistência, como tática na luta política. Dou a impressão de que aceito hoje a situação de silenciado para bem lutar quando puder, contra a negação de mim mesmo. (FREIRE, 2003, p. 73).

No Brasil do século XIX há registros da desvalorização da profissão docente, em decorrência os salários tornam-se mais baixos e, com isso os homens, professores, afastam-se da profissão, assim, com essa saída, as mulheres assumem essa atribuição.

Em todas as Províncias os homens foram abandonando a docência e as mulheres, que aceitavam os baixos rendimentos, as precárias condições de trabalho e o aumento da formação do magistério de 3 para 4 anos, bem como as que queriam sair da esfera doméstica, foram assumindo esse espaço. (CAETANO; NEVES 2009, p. 254).

Esses foram fatos marcantes para que a profissão docente, sobretudo na educação básica, até hoje, seja em sua maioria representada por mulheres. O quadro abaixo mostra o vínculo, o tempo de trabalho e o nível de ensino em que atuam os professores pesquisados.

Quadro 1 - Vínculo, tempo de trabalho e nível de atuação

<b>Vínculo empregatício</b>	<b>Tempo de serviço na EJA</b>	<b>Nível em que atua</b>
Efetivo	13 anos	Fundamental I e II e Ensino Médio
Efetivo	2 anos e meio	Ensino Médio
ACT	5 anos	Ensino Médio
ACT	5 anos	Fundamental II e Ensino Médio
ACT	3 anos	Fundamental I e II e Ensino Médio
ACT	4 anos	Fundamental II e Ensino Médio
ACT	Pouco tempo	Fundamental I
ACT	2 anos	Ensino Médio

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

A partir do quadro acima, 75% dos professores que atuam na EJA possuem vínculo ACT (admissão de caráter temporário), esses assumem as atividades docentes em medida provisória de preenchimento de uma vaga disponibilizada por alguma modalidade, ou de

afastamento da função do professor efetivo ou, também, pela existência de vagas que não foram efetivadas em concurso público.

Quanto ao tempo de exercício na EJA, um deles atua há 13 anos e é efetivo, os demais atuam entre 02 e 05 anos. Dos 08 professores, apenas 01 deles atua apenas no fundamental I, os demais transitam entre todos os níveis.

O tempo de vínculo do professor com uma instituição pode gerar maior vinculação com estudantes, essa relação mais estreita torna-se aliada no processo de ensino-aprendizagem. O vínculo entre professor e aluno respalda melhores aprendizagens, sobretudo na EJA, onde os estudantes possuem características diversas e carecem, muitas vezes, de reconstrução de suas identidades. Para Arroyo (2017, p. 47), “as experiências sobre o delicado processo dessa reconstrução de identidades, como trabalhadores diante da sociedade, é que os levam para a EJA, exigindo dos formadores destes sujeitos o lócus principal nos currículos pedagógicos.” Para o autor, as experiências dos professores, a partir de suas práticas, possibilitam enxergar o mundo docente de outro modo e, diante disso, devemos considerar o fazer docente como parte do currículo, pois a reflexão sobre esse fazer permite outras construções.

Uma das questões que propomos aos professores foi qual o maior desafio que encontram para lecionar nessa modalidade de ensino. Foram apresentadas várias situações, mas repetiu-se em quase todas as respostas a evasão e as diferenças etárias e culturais. Outro aspecto mencionado em quatro dos oito entrevistados foram as estratégias metodológicas, o que denota compromisso dos professores.

\_ Os maiores desafios são as práticas pedagógicas que precisam ser diferentes do ensino regular e as dificuldades de aprendizagem dos alunos que ficaram muitos anos fora do ambiente escolar. (PROFESSOR F).

\_ A maior dificuldade encontrada está numa elaboração metodológica para esses alunos, principalmente os mais velhos [...] E, no resgate de despertar interesse naqueles que não querem aprender, apenas se formarem. (PROFESSOR H).

\_ Encontrar estratégias para adaptar os objetos de estudo do ensino médio/fundamental do ensino regular para o ensino EJA. (PROFESSOR D).

São respostas muito semelhantes, enfrentam turmas com faixa etária variadas, com isso têm dificuldades para adaptar o ensino para estudantes que não são crianças, porém adultos. Além disso, sabem que é preciso utilizar metodologias que alcancem as necessidades individuais e para que tenham aprendizagem e permanência. Para isso, é imprescindível, além de profundo conhecimento, muito diálogo, o que pressupõe a escuta atenta de cada um dos sujeitos.

Este é um processo de aprendizagem dos professores, pois é escutando e compartilhando ideias e conhecendo um ao outro, articulando com o currículo, que aprendemos com os educandos e eles aprendem juntos. Somente quem escuta paciente o outro, tem o direito da fala, tendo em vista que, em alguns momentos, são necessárias mediações individuais e em outras mediações coletivas, tendo em vista que a centralidades está no protagonismo dos estudantes.

É fundamental saber como utilizar as informações e o conhecimento já existentes, afinal o conhecimento não se encontra apenas nos documentos, nas bases de dados e nos sistemas de informação, mas nas práticas dos grupos e na experiência acumulada das pessoas. Esses momentos de troca são possíveis com todos os educandos, cada um com suas diferenças, não importa qual seja ela, dentro e fora das suas realidades. Nesse entendimento, o professor B menciona:

Como trabalho com estudantes especiais, estes estudantes eram muitas vezes considerados incapazes até perceber que o aluno X com quem falavam que não fazia nada em sala - aluno autista - sabia ler - debaixo p cima nos textos - por isso demorava a terminar as atividades, mas realizava de forma correta. Alguns professores achavam que ele era apenas um aluno copista, e descobrimos que ele é um aluno excepcional dentro de suas especificidades.

Entendemos que a investigação do professor, o seu olhar aguçado sobre o aluno é uma das formas de conhecer os sujeitos que estão presentes no espaço escolar, e não só as ações de movimentos mecanicistas e transmissão de conteúdo. Portanto, é necessário pensar numa pedagogia dos corpos, visando à separação que existe no interior do espaço escolar sobre o “corpo e a mente”, em que o espaço escolar preocupa-se apenas com a mente, ignorando totalmente a sua corporeidade, as linguagens que trazem o seu corpo, o adulto é visto apenas como mente incorpórea (ARROYO, 2017).

Ao perguntamos se lecionar para essa realidade diferenciada requer de você uma postura diferenciada, todos disseram que sim. As respostas foram muito reflexivas. Apresentamos, abaixo, algumas delas:

- \_ Trabalhamos com um público excluído da sociedade escolar normal. (PROFESSOR A).
- \_ É preciso ser muito compreensivo, pois na maioria das vezes os alunos estão a muito tempo sem estudar. Sem contar que a maioria tem uma realidade de vida difícil. Impossível não levar isso em conta. (PROFESSOR E).
- \_ As metodologias de ensino precisam ser adaptadas a está modalidade de ensino e muitas vezes o professor por não conhecer a EJA acaba por utilizar as mesmas práticas e enfrentando obstáculos diários no ensino. Até que perceba que é necessário a mudança pedagógica. (PROFESSOR F).

- \_ Pois a aprendizagem não depende somente dos alunos, mais sim de um trabalho contínuo de investigação do professor durante a realização das atividades. (PROFESSOR G).
- \_ Atitudes diferenciadas despertam reações inesperadas. Logo, uma didática envolvente, faz com que nossos alunos entendam o processo ensino /aprendizagem e se envolvam nesse processo. (PROFESSOR H).

Os professores apresentaram contribuições reveladoras para entender os dilemas da docência, que exige investigação, ensino provocador, mudança pedagógica, entre outras. Para isso, compreendemos que é preciso formação constante e planejamento contínuo e coletivo. Assim, perguntamos sobre a formação continuada específica para os professores que atuam na EJA. Pelas respostas, vimos que não há uma formação específica para a EJA e que a instituição é que criou possibilidades para uma formação continuada para os professores.

Um dos professores enfatiza o esquecimento das políticas públicas, diante dessa especificidade:

A escola sempre busca meios de trazer a realidade e adaptações a essa modalidade, ao contrário da secretaria de estado que se envolve mais com ensino regular e esquece um pouco das nossas necessidades. O professor da EJA deve estar preparado para a diversidade existente na sala de aula, as diferenças de comportamento e de necessidades de jovens e adultos, pois, uma prática usada com um jovem pode não facilitar a aprendizagem de um adulto, dessa forma o professor (as) deve ser flexível e saber trabalhar com essas diferenças. (PROFESSOR A).

Seja na prática educacional ou em fóruns de discussão, a profissionalização dos professores tornou-se cada vez mais central. No século XX, já eram duramente criticadas essas políticas, por não preparar adequadamente o professor para lidar com esse grupo de pessoas.

Entendemos que o apoio das políticas públicas para cursos de formação continuada é extremamente importante para que haja atualização e conhecimentos sobre os novos sujeitos que estão por vir na instituição.

A construção de currículos visando à realidade do estudante é a melhor arma para adentrar estes sujeitos na sociedade, com novas aprendizagens e seus conhecimentos pré-estabelecidos, pois o trabalho do próximo é o que torna o EJA, utilizando-o como o problema em questão, que exige conhecimentos, valores, identidades e estrutura de leitura de mundo. O professor necessita trabalhar com temas geradores, que os educandos levam para a sala de aula, para formar experiências, criando-se métodos de aprendizagens em todas as áreas de conhecimento: linguagem, ciências humanas, ciências da natureza e matemática, estas áreas que compõe o sujeito como trabalhador (ARROYO, 2017).

É valioso que os professores da EJA adquiram a formação continuada, mais específica, para isso, é preciso que as políticas públicas reconheçam essa importância e por meio das mesmas disponibilizem, em meio a carga horária, um tempo para que os mesmos façam uma discussão coletiva ou cursos de atualização com novas práticas pedagógicas, buscando compartilhar conhecimentos e adquirir outros. Entendemos que é por meio da formação continuada que o profissional vai estar sempre preparado para as necessidades que a EJA e a sociedade possuem.

Neste sentido, o de partilhar experiências, solicitamos o compartilhamento de uma história que marcou sua trajetória profissional na EJA. Pedimos para apresentarem metodologias adotadas na EJA para que a aprendizagem se efetive de modo mais significativo. Dentre as experiências, citamos:

Foram muitas. Alunos que passam por muitas dificuldades financeiras, alunos que vivem situações de violência doméstica. Mas o mais marcante são os alunos que estão na EJA porque não tiveram oportunidade de estudar na idade adequada. Eles dão muito valor a chance que estão tendo agora e ficam felizes com cada etapa conquistada. (PROFESSOR E).

E sobre as metodologias, partilhamos:

- \_ É importante levar em conta o conhecimento de mundo que esses alunos já possuem. Valorizar o conhecimento que eles já têm, agregando outros. (PROFESSOR E).
- \_ Aproximar ao máximo os objetos de estudo com a realidade dos alunos. (PROFESSOR D).
- \_ A que Paulo Freire já promovia. Métodos e metodologia numa via de mão dupla, a relação de ensino e aprendizagem se dá nas experiências vividas por nossos estudantes e professores. (PROFESSOR H).
- \_ No Atendimento Educacional Especializado que é a minha área, utilizo como metodologia pedagógica as aulas práticas. (PROFESSOR F).

São dois os conhecimentos que se dividem em um indivíduo: o pré-estabelecido e o saber adquirido. O primeiro, quer dizer, aquele saber da primeira relação com o mundo e fundado na percepção das coisas e do outro, de acordo com suas experiências e vivências, o famoso conhecimento prévio. Já o segundo, é o saber adquirido dentro da sala de aula, teorias, ensinamentos e ambos são importantes para sua formação onde nenhum pode ser dispensado.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Embora em tempos tão adversos, e modificando a metodologia da coleta no percurso da pesquisa, entendemos que foi possível alcançar os objetivos propostos. A amostra nos permitiu

enxergar um pouco mais sobre realidade dos principais sujeitos, professores e estudantes, que compõem a EJA de Tubarão-SC, uma vez que trouxemos para o texto suas falas e manifestações.

De acordo com os dados, percebemos que a vulnerabilidade social e o trabalho diário afetaram profundamente a trajetória de aprendizagem escolar dos estudantes da EJA, o que provocou desistência e evasão da educação básica em período regular.

Nesse contexto, a escolas, ao recebê-los novamente, possuem uma responsabilidade imensa para devolver a esses estudantes aquilo que a sociedade os negou, ou seja, a cidadania a partir do conhecimento.

Quanto aos professores, além da acolhida e aproximação, cabe conectar os componentes curriculares e conteúdos com o cotidiano dos estudantes, inserindo-os na realidade existencial. É essencial compartilhar entre os estudantes suas experiências de vida e seus saberes durante a prática escolar, isso dá sentido e amplia as informações. O professor é o mediador que garantirá esse processo. Constatamos que os estudantes da EJA anseiam por melhores condições de vida e, embora com objetivos diferentes, todos objetivam obter conhecimentos. São sujeitos que chegam nos espaços escolares e significam suas práticas, seus gostos, seus espaços de lazer e de afinidades a partir dos estudos e relações que se travam nesse contexto, quer seja com outros estudantes ou com os professores. São jovens e adultos de variadas faixas etárias, compartilhando sonhos e projetos.

É por meio dos professores que os jovens apostam seus futuros e suas esperanças, para criarem suas identidades e se auto reconhecerem como cidadãos. Os formadores de sujeitos buscam na realidade do seu dia a dia apoio de políticas públicas para uma formação continuada em que os currículos se tornem flexíveis para propiciarem uma melhor aprendizagem a esses estudantes.

A partir da pesquisa realizada e da trajetória acadêmica no Curso de Pedagogia, aprofundamos o nosso olhar para a modalidade do EJA. Compreendemos que a docência, quer seja para crianças, jovens ou adultos, precisa ser pensada sempre a partir dos seus gostos, culturas e modos de aprender. Contudo, na modalidade da EJA, há algumas particularidades, porque nesta modalidade estão jovens adultos trabalhadores, que além do já citado, tem experiências e trabalho, famílias, responsabilidades com seu sustento. Muitas vezes, também, trazem histórias de fracasso e, sobretudo, de esperança, e é aqui, no espaço escolar, que verbalizam e internalizam novos conceitos, compartilhando suas ideias e, desta forma, desenvolvem-se.

Finalizamos esse artigo com a certeza de que novos conhecimentos surgiram, porque em meio aos textos lidos e discussões, pensamos ainda mais na importância que é esta modalidade de ensino. Entretanto, os estudos trouxeram muitas outras inquietações, por exemplo, sobre o porquê os estudantes e os professores não podem se permitir organizar planejamentos compartilhados ou por que as escolas de EJA, não poderiam ter um formato diferente, em relação a tempo e espaço, talvez mais localizado em comunidades e com outras tecnologias agregadas. Assim, destacamos que as pesquisas são permanentes e muito ainda há para pesquisar e estudar, principalmente diante do fato da formação continuada dos educandos do EJA.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BRASIL. **Secretária de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-continuada-alfabetizacao-diversidade-e-inclusao>. Acesso em: 17 mai. 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 18 mai. 2020.

CAETANO, Edson; NEVES, Camila Emanuella Pereira. Relações de gênero e precarização do trabalho docente. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, ed. n. Especial, p. 251-263, mai. 2009. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/33e/art16\\_33esp.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/33e/art16_33esp.pdf). Acesso em: 20 mai. 2020.

CRUZ, Tânia Mara. A (des)igualdade entre mulheres e os impasses da formação feminista. **POIÉSIS**, v. 2, p. 86-107, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. **História da Educação** 1. ed., rev. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2012.

MOTTA, Alexandre de Medeiros. **O TCC e o fazer científico**: da elaboração à defesa pública. 1. ed. Tubarão: Editora Copiart, 2009.

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO/ ENTREVISTA****Estudantes da EJA do município de Tubarão**

Formulário alunos da EJA

Ao responder as questões, você contribuirá para a pesquisa do artigo. Desde já agradeço sua participação.

Identificação \*

Sexo \*

( ) fem. ( ) masc. ( ) prefiro não responder.

Onde você reside? \*

( ) Centro

( ) Oficinas

( ) Monte Castelo

( ) São João

( ) Santo Anjo da Guarda

( ) Revoredo

( ) Vila Moema

( ) Passagem

( ) Humaitá

( ) Humaitá de Cima

( ) São Martinho

( ) Congonhas

( ) Campestre

( ) Outro bairro

( ) Outra Cidade

Como faço para chegar ao CEJA? \*

( ) Não necessito de transporte

( ) Moto

( ) Carro

- ( ) Ônibus  
( ) Bicicleta  
( ) Táxi ou aplicativo

Onde você trabalha? \*

---

Para você, o que significa estudar? \*

---

Qual seu maior sonho em relação à escola? \*

---

Por que não estudou na rede regular de ensino em tempos normais? \*

---

Por que voltou a estudar? \*

---

### **Professores da EJA do município de Tubarão**

Prezado (a) professor (a),

Estamos realizando estudos para compreender um pouco mais sobre os modos de ensinar e aprender na educação de jovens e adultos em nosso país. Acreditamos que o melhor meio de entender esse processo é ouvir os protagonistas, professores e estudantes. Por isso, solicitamos sua colaboração, respondendo as questões. Não é necessário identificação. Gostaríamos, apenas, que você nos brindasse com suas narrativas e experiências profissionais como docentes nessa modalidade.

1. Identificação:

Gênero:

Formação:

Vínculo: ACT ( ) Efetivo ( )

Tempo que você atua na EJA:

Você atua com que etapa de ensino:

- ( ) Fundamental I
- ( ) Fundamental II
- ( ) Ensino Médio

2. Quais os maiores desafios que você encontra ao lecionar para os estudantes da EJA?

3. Lecionar para essa realidade diferenciada reque de você uma postura diferenciada? Sim ( )  
Não ( )

Justifique sua resposta:

4. Você poderia compartilhar uma história que marcou sua trajetória profissional na EJA?  
Descreva em relato.

5. Em relação à formação continuada, como você vê a atuação da Secretaria de Educação e da escola no sentido de promover essa formação. Há uma formação diferenciada para os professores da EJA? Comente sobre assunto.

6. Quais são as metodologias adotadas para o ensino na EJA para que a aprendizagem se efetive de modo mais significativo?

## **AGRADECIMENTOS**

O desenvolvimento deste artigo de conclusão de curso contou com pessoas que foram essenciais no processo deste trabalho.

Dedico o meu artigo a ele, meu tio João (in memoriam), que foi o norteador da temática da minha pesquisa e com que muito aprendi durante a minha infância e adolescência.

Sou grata, primeiramente, a Deus, nosso senhor todo poderoso, pelo dom da vida e por ter me proporcionado chegar até aqui.

Agradeço a minha professora, Mariléia Mendes Goulart, que foi quem me orientou neste trabalho, pela dedicação e incentivo nesta jornada, compartilhando suas ideias e reflexões, mostrando-me caminhos para ampliar ainda mais meus conhecimentos.

A todo o nosso grupo de colegas, em especial Bruna e Sílvia, pelo companheirismo e dedicação. A todo o corpo docente do curso de Pedagogia que, durante toda a graduação, foram fundamentais para a minha aprendizagem do início ao fim.

E, por último, não menos importante, pelo contrário, a razão de todo o meu esforço e dedicação, minha mãe, Marta, e meu pai, Dilney, meu muito obrigada por toda compreensão, apoio e paciência que tiveram todo este tempo de formação, foi por vocês.

Por fim, finalizo parafraseando Belchior: “Viver é melhor que sonhar.” Pode acreditar!